

# A Bispa e o Narcisista – Por Onofre Varela

written by Onofre Varela | 6 de Fevereiro, 2025

OCIDADA0



*Onofre Varela*

Uma das apregoadas funções dos credos religiosos de inspiração cristã, é o dever de fomentar a paz, a concórdia, o bom-relacionamento social e o respeito pela dignidade humana. Pelo menos é este o grande estandarte dos cristãos que não se radicalizam e que veem no outro uma pessoa igual a si.

Foi esta mesma leitura que eu fiz do discurso da bispa Mariann Edgar Budde – da diocese de Washington da Igreja Episcopal – proferido numa cerimónia religiosa no dia 21 de Janeiro último, inserida no programa da tomada de posse de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos da América (EUA).

No exercício das suas funções religiosas – registadas em qualquer manual de comportamento social cristão – a bispa disse que **“todos somos estrangeiros nesta terra”**; frase

historicamente correcta, porque a América foi descoberta por Cristóvão Colombo em 1492, e depois foi colonizada por alemães, ingleses, dinamarqueses, escoceses, espanhóis, franceses, holandeses, russos, chineses, suecos... e até portugueses... no mínimo. O próprio Trump é filho de pai alemão e de mãe escocesa que foram imigrantes iguais aos que ele agora expulsa, negando-lhes a oportunidade que os EUA ofereceram aos seus progenitores e a si próprio, permitindo-lhe ser o magnata que hoje é.

Os povos que podem ser considerados genuinamente americanos são os descendentes das tribos dos peles-vermelhas – que já lá estavam quando Colombo aportou àquelas terras – denominados “índios” porque o navegador pensou ter chegado à Índia. Foi essa intenção (a de chegar à Índia pelo ocidente) a principal “mola” que levou à descoberta da América pelos navegadores ocidentais, e que foi “descomprimida” no século XV, um tempo em que já se presumia a esfericidade do planeta e que, portanto, seria possível chegar ao oriente navegando para ocidente... para mais além das Canárias e do arquipélago dos Açores.

A razão histórica e humanista da bispa Mariann Edgar Budde, não faz a razão de Trump. Mariann é religiosa e defensora da paz e da igualdade; e Trump – sendo, também, religioso – defende o conflito e a superioridade de um povo (o americano) sobre todos os outros povos do mundo.

Na sua intervenção enquanto membro da Igreja Episcopal, Mariann concentrou-se em três elementos essenciais para a unidade dos EUA (e também para a unidade de toda a Humanidade... digo eu...), que são: a Dignidade, a Honestidade e a Humildade. Depois de discursar acrescentou um apelo, olhando Trump nos olhos. Falou em misericórdia **“para todos os que têm medo, em particular os imigrantes e os membros da comunidade homossexual e transgénero”**. E rematou com esta “estocada final” que feriu a vaidade e a desumanidade de Trump (mas que ele usa como virtudes):

***“As pessoas que apanham as nossas colheitas, limpam os nossos edifícios de escritórios, trabalham nas explorações avícolas e nos frigoríficos, lavam a louça depois das refeições nos restaurantes e fazem turnos de noite nos hospitais: podem não ser cidadãos ou não ter a documentação adequada, mas a grande maioria dos imigrantes não é composta por criminosos. Pagam impostos e são bons vizinhos”.***

Disse ainda: ***“Peço que tenha misericórdia, senhor presidente, daqueles que, nas nossas comunidades, têm filhos que temem a expulsão dos seus pais. E que ajude aqueles que fogem de zonas de guerra e são perseguidos nas suas próprias terras, a encontrar compaixão e boas-vindas aqui”.*** Este discurso assertivo e inteligente, vindo de uma mulher, foi muito mal recebido por um homem arrogante e machista como é Trump, e que de inteligência emocional apenas deterá um resquício de refugio a que não dá uso.



“Tio Sam”, de Onofre Varela. Desenho executado para figurar numa exposição de desenho de humor subordinada ao tema Tio Sam, realizada em Alcalá de Henares (Madrid) em Outubro e Novembro de 1998. Técnica: aguarela e guache sobre papel.

Esta minha apreciação satírica do presidente dos EUA é baseada no discurso que ele fez logo a seguir à cerimónia (para além de outros discursos que já deu no decorrer do tempo). O homem eticamente mal formado, a quem os votos da maioria dos cidadãos descendentes dos colonos da América, deram o estatuto de político mais poderoso do mundo, não respondeu, olhos nos olhos, à bispa no mesmo momento... foi para as redes sociais

insultar a mulher inteligente que lhe disse o que o seu narcisismo não gosta de ouvir.

E com a sua habitual boçalidade de menino rico sem respeito por quem é pobre, afirmou que a autora daquele sermão **“podia fazer muito melhor”**, apelidando-a de **“esquerdista radical que adotou um tom desagradável, não foi convincente nem inteligente”**, que fez comentários **“inapropriados e aborrecidos”**. E rematou com esta pérola de convencido: **“Ela e a sua igreja devem pedir desculpas ao público”**. Discurso igual ao que faria qualquer ditador em qualquer parte do mundo.

Não tardou que a bispa Mariann recebesse ameaças de morte vindas de anónimos apoiantes de Trump... (os seus discursos despertam nos seus apoiantes o radicalismo que habita nas suas almas).

O “ditador-em-democracia” que é Trump, iniciou a sua presidência exibindo a sua vaidade desmesurada, espelhada na necessidade que sente de, com pose de imperador, mostrar, através de um batalhão de fotógrafos, a sua assinatura nas leis que promulga, desenhada com um marcador que faz traços de três milímetros de espessura... e apresenta-a ao mundo com o enlevo do artista de gabarito que acaba de dar a última pincelada numa qualificada obra de arte.

E não tem noção da triste e ridícula figura que faz!...

Isto acontece HOJE, na estrondosa América... como se fosse um país terceiro mundista de ficção, perdido nos confins de uma selva africana e governado por um troglodita que se imagina um semi-deus!...